

# **Gênero, corpos e sexualidades na escola: um olhar para os conflitos registrados em atas de ocorrência**

## **Gender, bodies and sexualities at school: a look at the conflicts recorded books of occurrence**

**Ana Paula Oliveira dos Santos**

Universidade Estadual de Ponta Grossa  
[aninha\\_santos1997@hotmail.com](mailto:aninha_santos1997@hotmail.com)

**Isabela Cogo**

Universidade Estadual de Ponta Grossa  
[belacogo2@hotmail.com](mailto:belacogo2@hotmail.com)

**Bettina Heerd**

Universidade Estadual de Ponta Grossa  
[bettina\\_heerd@yahoo.com.br](mailto:bettina_heerd@yahoo.com.br)

**Adriana Ribeiro Ferreira Rodrigues**

Rede Pública de Ensino do Estado do Paraná  
[adrianafr@yahoo.com.br](mailto:adrianafr@yahoo.com.br)

### **Resumo**

A escola é um ambiente passível de ocorrência de conflitos, inclusive os que envolvem gênero e sexualidade. Quando ocorrem, os conflitos são registrados em Atas de ocorrência escolar. Destarte, nos questionamos: como são constituídos os discursos registrados nas atas de ocorrência escolar que evidenciam questões de corpo, gênero e sexualidade? O objetivo desta pesquisa foi analisar os discursos produzidos por meio de conflitos relacionados a corpo, gênero e sexualidade registrados em livros de ocorrência de uma escola da rede pública de ensino. Realizamos o levantamento documental dos livros de ocorrência da escola, no período de 2016 a 2018 e analisamos empregando a análise de discurso. Identificamos discursos que se referiam a corpo, relacionamento afetivo, afetividade e gravidez na adolescência, e discursos não ditos acerca de responsabilidade paternal. Por fim, propomos as reflexões: como trabalhar os conflitos de modo a subverter as imposições heteronormativas e discriminações? Quais as potencialidades do Ensino de Ciências frente a essas discussões?

**Palavras chave:** Escola, conflito, sexualidade.

### **Abstract**

The school is an environment susceptible to the occurrence of conflicts, including those involving gender and sexuality. When conflicts occur, they are recorded in Minutes of school occurrence. Thus, we ask ourselves: how are the discourses recorded in the minutes of school occurrence that highlight issues of body, gender and sexuality constituted? The objective of this

research was to analyze the discourses produced through conflicts related to body, gender and sexuality registered in books of occurrence of a public school. We carried out a documentary survey of the school's occurrence books, from 2016 to 2018 and analyzed them using discourse analysis. We identified speeches that referred to the body, emotional relationship, affectivity and teenage pregnancy, and unspoken speeches about father responsibility. Finally, we propose the following reflections: how to work with conflicts in order to subvert heteronormative impositions and discrimination? What are the potentialities of Science Teaching in the face of these discussions?

**Key words:** School, conflict, sexuality.

## Introdução

Os conhecimentos produzidos no decorrer desta pesquisa são situados, pois os sujeitos são corporificados e produzem conhecimentos em determinado tempo e espaço (LONGINO, 2008). Essa pesquisa surge de parte dos dados coletados para o Trabalho de Conclusão de Disciplina da segunda autora, mulher branca, cisgênero, que começa a refletir acerca das pluralidades desde a adolescência, em que as questões de gênero e sexualidade eram as que mais a instigavam. Durante a graduação de licenciatura em Ciências Biológicas, participou do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) em uma escola onde, por coincidência, a maior demanda de atividades eram acerca de gênero e sexualidade.

Levando em conta que pesquisar não é um ato solitário, para a construção dessa pesquisa contou com o auxílio da orientadora, mulher cisgênero de cor branca, de uma colega também mulher cisgênero de cor parda, do Grupo de Estudos e Pesquisa para o Ensino de Ciências (GEPEC) e da co-orientadora, mulher cisgênero de cor branca, professora da educação básica de uma escola pública.

Compreendemos que os estudos acerca de gênero e sexualidade tomam cada vez mais espaço diante das demandas sociais. As discussões da temática são frequentes em diversos ambientes, entre eles a escola, onde há crianças e adolescentes diferentes em vários aspectos, como classe, sexualidade e cor, entre outras interseccionalidades, convivendo entre si. “No espaço escolar essa interação com o diferente, quando não é problematizada, se dá por meio de relações interpessoais pautadas por conflitos, confrontos e violência” (SALLES; SILVA, 2008, p. 150). Porém, compreender o conflito como componente estrutural dentro das relações humanas permite pensar na forma como podem ser administrados, uma vez que quando bem manejados, podem transformar-se em uma oportunidade de crescimento e aprendizado (PASSOS; RIBEIRO, 2016). Na escola, os conflitos explícitos são registrados em atas de ocorrência escolares.

A partir dessas reflexões, elencamos a seguinte questão de pesquisa: como são constituídos os discursos registrados nas atas de ocorrência de uma escola que evidenciam questões de corpo, gênero e sexualidade? Esta pesquisa tem como objetivo analisar os discursos produzidos por meio de conflitos relacionados a corpo, gênero e sexualidade registrados em livros de ocorrência de uma escola da rede pública de ensino.

A relevância do tema nos debates do Ensino de Ciências é apontada na pesquisa de Moizés e Bueno (2010), na qual as autoras evidenciam que são os/as docentes de Ciências que frequentemente trabalham temas relativos à educação sexual. Estes/as, por sua vez, nem sempre estão preparados/as para discutir essas temáticas de forma ampla, e acabam recaindo em uma abordagem biológico-higienista (FURLANI, 2011), contribuindo para fortalecer os tabus em torno da sexualidade, dificultando que os/as alunos/as expressem suas dúvidas e opiniões.

Assim, nós docentes no Ensino de Ciências somos responsáveis por abrir parte dos caminhos a essas discussões na escola, (re)pensando a sexualidade e gênero fora do eixo machista e heteronormativo.

Nossa pesquisa está fundamentada em referenciais pós-críticos, que tem por pressuposto a preocupação em voltar-se para as diversas relações de poder, que estão presentes também na escola (PARAÍSO, 2014). É importante reconhecermos que a escola é um local que (re)produz discursos a respeito dos gêneros, muitas vezes reforçando discriminações, mas também pode contribuir para a subversão desses discursos e transformação das relações de poder (PARAÍSO, 2014).

### **Percurso teórico metodológico**

Na construção desta pesquisa, utilizamos o que Paraíso (2014, p. 35) chama de “articular e bricolar”, portanto não há uma única metodologia ou teoria que norteie a pesquisa, mas sim, uma articulação de saberes e metodologias, utilizando de cada um aquilo que nos serve. A pesquisa foi desenvolvida em um colégio público no Paraná, afastado do centro da cidade, com cerca de 1700 alunos matriculados, nos turnos matutino, vespertino e noturno. Neste colégio desde 2016 é realizada a mediação de conflitos por meio de práticas vinculadas à Justiça Restaurativa, que buscam mediante o diálogo e a comunicação não-violenta restaurar as relações e reparar os danos, criar ou fortalecer vínculos e promover a compreensão mútua entre os envolvidos.

Para a constituição do *corpus* de análise, realizamos um levantamento documental em registros de ocorrência realizados pela equipe pedagógica da escola a fim de identificar os discursos relacionados à corpo, gênero e sexualidade no contexto escolar. Foram analisadas atas de 1º, 2º e 3ºs anos do Ensino Médio regular e profissionalizante, no período de 2016 a 2018.

Para a análise do *corpus* concebemos os registros como discursos produzidos numa interação, permeados por relações de poder, buscando voltar a nossa atenção aos regimes de verdade nos quais esses discursos se inserem e também reforçam (VEIGA-NETO, 2007). Utilizamos as etapas de análise de discurso recomendadas por Gill (2012): (1) formulamos as questões de pesquisa, a partir das inquietações teóricas brevemente expostas na introdução; (2) transcrevemos os registros das atas; (3) fizemos uma leitura cética das transcrições, e por meio de leituras e releituras, (4) codificamos os dados agrupando-os conforme a referência do conflito, para tanto, identificamos e unimos discursos que se referiam a temáticas comuns, que foram as seguintes: corpo, afetividade, relacionamento afetivo e gravidez na adolescência. A partir destas temáticas, realizamos a análise de discurso nos apropriando de algumas considerações feitas por Rosalind Gill (2012, p. 255), como a necessidade de analisar também os “silêncios” dos discursos, e reconhecendo a não neutralidade das análises, pois quando analisamos construímos outros discursos acerca do objeto analisado, que é influenciado pelo contexto, já que somos sujeitos situados (LONGINO, 2008). Para voltar nossa atenção aos discursos e seus silêncios, utilizamos as teorizações de Michel Foucault (1979, 2008) acerca do discurso e de poder, e os estudos de gênero e sexualidade (LOURO, 1997, 2000a, 2000b).

Olhamos para os ditos e não ditos nos discursos, criados por meio das interações na escola, pois, como pontua Louro (1997, p. 67, grifo da autora): “tão ou mais importante do que *escutar* o que é *dito* sobre os sujeitos, parece ser perceber o *não-dito*, aquilo que é silenciado — os sujeitos que *não são* [...]”, que são invisíveis nos discursos. Concebemos a escola como um ambiente que foi e é produtor de desigualdades, separando meninos e meninas, ricos e pobres, adultos e crianças, com “símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer” (LOURO, 1997, p. 58). Segundo Veiga-Neto (2007), a escola é uma ferramenta de disciplinarização dos corpos.

Historicamente as comunidades delimitaram os espaços, os modos de ser e agir, o proibido e permitido, em discursos permeados por discriminações, que foram sendo reproduzidos por diferentes instituições, inclusive a escola, naturalizando-os (LOURO, 1997). Analisamos levando em conta o papel do discurso e da linguagem como ferramentas do poder, segundo Veiga-neto (2007, p. 102), “os discursos ativam o(s) poder(es) e o(s) colocam em circulação”, e de acordo com Louro, “a linguagem não apenas expressa relações, poderes, lugares, ela os *institui*; ela não apenas veicula, mas produz e pretende *fixar* diferenças” (LOURO, 1997, p. 65, grifo da autora).

### **Discussões e reflexões do corpus de análise**

Na análise identificamos discursos que se referiam a corpo, relacionamento afetivo, afetividade e gravidez na adolescência, e identificamos discursos não ditos acerca da responsabilidade paternal. Dentre os discursos produzidos nos conflitos relacionados ao **corpo**, evidenciamos como ditos o “corpo gordo”, “corpo puta”, “corpo assediado”, “corpo estranho” e “corpo ridicularizado/constrangido”.

Nos ditos de “corpo gordo”, no discurso: “*Briga motivada por um “correio elegante” que dizia “estude mais e coma menos, assim você passa na porta*”, percebemos a discriminação baseada em uma característica corporal. Os ditos do “corpo puta”, evidenciamos no discurso: “*Uma aluna do 1ºB relatou que um aluno do 1ºC apontou para ela dizendo “Ha, aquela menina puta”*”. Os ditos do “corpo ridicularizado/constrangido”, evidenciamos nos discursos: “*O aluno X foi ao banheiro, um colega fez a gravação e mostrou aos demais. Quando o aluno X retornou para a sala, a turma estava em risos*”; e “*Segundo a professora, alguns alunos estavam falando “coisas de homens”, constrangendo meninas e a própria professora.*”

Como afirma, Louro (2000a, p. 61, grifo da autora): “o corpo não é “dado”, mas sim produzido - cultural e discursivamente - e, nesse processo, ele adquire as “marcas” da cultura, tornando-se distinto”. As raízes das discriminações e ofensas nos discursos dos/as alunos/as não estão em seus corpos ou nas suas características físicas, mas foram construídas historicamente e culturalmente, moldadas conforme as relações de poder entre homens e mulheres, e que tomam forma por meio da linguagem. Todos os corpos que fogem do padrão imposto em um determinado momento histórico, são alvo de críticas e ridicularização, como ocorre nos discursos.

Os ditos do “corpo assediado” evidenciamos no seguinte discurso: “*Aluna relata sofrer assédio por um colega [...] O aluno foi chamado e relatou que a aluna “começou a provocá-lo e por isso ele a assediou”*”. Há no discurso a naturalização do assédio por parte do aluno que justifica o ato, culpabilizando a vítima ao afirmar que ela o provocou. Os ditos do “corpo estranho”, termo adotado por Louro (2008), são marcados por LGBTfobia: “*Os alunos colocaram como identificação dos sinais de WiFi dos celulares, ofensas machistas, homofóbicas e relacionadas ao corpo de algumas colegas*”; “*Aluno relata estar sofrendo intimidações de uma colega [...] Uma dessas amigas foi chamada e relatou que as frases se referindo ao rapaz são do tipo “Ele gosta de rola”, “Que é gay”*”. Essas discriminações acontecem, dentre outros fatores, porque os homossexuais são silenciados no ambiente escolar: “a negação dos/as homossexuais no espaço legitimado da sala de aula acaba por confiná-los às “gozações” e aos “insultos” [...]” (LOURO, 1997, p. 68).

Já nos discursos produzidos nos conflitos relacionados a **afetividade e relacionamento afetivo** evidenciamos como discursos ditos “abandono escolar motivado por relacionamento”, “faltas motivadas por relacionamento”, “vigilância da sexualidade”, “discurso de posse” e “agressões verbais”. Os ditos de “abandono escolar motivado por relacionamento”, estão presentes no discurso: “*Aluna deixou de vir a escola porque saiu da casa dos pais e está morando com um*

*rapaz*”. Os ditos de “faltas motivadas por relacionamento”: “*O aluno de 17 anos comunicou que vai se casar no mês seguinte e que virá a faltar na escola*”; “*Aluna e aluno gazearam aula e foram encontrados se beijando*”; “*Mãe esteve no colégio para comunicar que sua filha está faltando as aulas porque saiu de casa para morar com um rapaz*”. As ocorrências evidenciam que os relacionamentos afetivos tem impactos na vida escolar dos/as alunos/as.

Nos discursos ditos de “vigilância da sexualidade”, há proibição do namoro e vigilância por parte da instituição escolar sobre aspectos da sexualidade, evidenciada nos discursos: “*Aluno foi alertado que não pode namorar dentro do colégio, pois várias vezes foi observado seu namoro*”; “*Aluno foi advertido por estar namorando no pátio do colégio*”. E também há, no seguinte discurso, vigilância por parte da professora e funcionária, quando dizem como não deve ser o namoro, e rotulam a aluna como ciumenta e descontrolada: “*Na hora do recreio uma aluna fica na companhia do namorado aos beijos [...] relatam a professora e a funcionária que os outros alunos questionam as cenas presenciadas no namoro dos mesmos, além da preocupação em relação ao namoro abusivo, pois eles têm se agredido e deixado marcas um no outro. A aluna tem se mostrado muito ciumenta, perdendo o controle e criando situações vexatórias para ela, para o namorado e para os demais na escola que presenciaram cenas lamentáveis*”.

A vigilância da sexualidade por parte da família, é evidente no seguinte discurso relacionado a afetividade: “*Pai de uma aluna declarou que a mesma não sai sozinha e está proibida de namorar pois ela é muito imatura*”. De acordo com Foucault (1987, p. 163) “em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações”. A fabricação dos chamados por Foucault (1987) “corpos dóceis” acontece pela ação de várias instâncias, sob essa perspectiva, podemos refletir que o discurso de vigilância da sexualidade não é exclusivo da escola, mas é também da família, da religião, da ciência, em processos que se apoiam uns nos outros.

A vigilância e a proibição não fazem com que os/as alunos/as deixem de ter interesse, curiosidade e fantasias a respeito da sexualidade, apenas limitam o diálogo aberto a respeito do assunto, prendendo essas questões à esfera secreta e privada (LOURO, 2000b). De acordo com Louro (2000b, p. 21): “através de múltiplas estratégias de disciplinamento, aprendemos a vergonha e a culpa; experimentamos a censura e o controle. Acreditando que as questões da sexualidade são assuntos privados, deixamos de perceber sua dimensão social e política”.

O “discurso de posse” foi evidenciado quando o aluno age como se sua namorada fosse sua propriedade: “*Aluno [...] relatou que na hora do recreio viu uma menina do 9º ano escrevendo nos pilares e por isso conversou com ela para que não fizesse isso. Por conta disso, saiu um aluno de dentro da sala de um 9º ano, e disse que o aluno “X” estava olhando para a namorada dele, querendo tirar satisfação*”.

Foram evidenciados discursos de “agressões verbais” e brigas entre os/as alunos/as motivadas por relacionamentos e afetividade: “*Discussão entre duas alunas [...] Segundo uma das alunas, ocorreu que: após sua entrada na sala, a aluna “Y” ficou encarando-a e ela também olhou, a “Y” perguntou o que ela tinha perdido lá e assim se agrediram verbalmente*”; “*Aluna “w” relatou que aluna “s” ofendeu-a chamando de vagabunda e que era para ela ir “comer o namorado” e que merecia levar uma surra da mãe, também empurrou a carteira de “w” fazendo seu celular cair no chão. A “s” falou que não adiantava a “w” vir chorar na direção*”; “*Briga no corredor entre quatro meninas [...] Segundo uma das alunas, a situação começou com uma postagem no facebook dizendo “Quem ama um não fica com outro” [...] uma das alunas disse que ainda sofria, pois, o ex-namorado estava namorando outra menina*”. Esses discursos evidenciam a complexidade das relações de poder que os/as alunos/as exercem uns/as sobre os/as outros/as, a família sobre a escola e esta sobre os/as alunos/as, e tantas outras

instâncias que fazem parte dessa rede de relações, pois como pontua Veiga-neto (2007, p. 119) “no interior das relações de poder, todos participam, todos são ativos”.

Nos discursos das ocorrências relacionadas a **gravidez na adolescência**, percebemos que apenas as mães e as alunas grávidas são visibilizadas nos discursos, pontuamos então a “responsabilidade maternal” como discurso dito, e “responsabilidade paternal” como discurso não dito, visto que não encontramos relatos que mencionem os pais das alunas grávidas ou os pais das crianças. A invisibilidade dos pais no papel de cuidado e criação dos/as filhos/as, implícito nas atas, levanta a reflexão a respeito da “norma contraceptiva” (BAJOS; FERRAND; HASSOUN, 2002 apud BASTOS; LÜDKE, 2017) que vigora nas sociedades ocidentais modernas, que atribui à mulher a responsabilidade por evitar a gravidez, e se ela falha, a responsabilidade pela criação do filho também recai sobre ela.

Os reflexos desta “norma contraceptiva” estão nos ditos de “responsabilidade maternal”, evidenciados nos seguintes discursos, em que as mães das alunas são as responsáveis por informar a escola a respeito das filhas: *“Mãe da aluna ... apresentou uma declaração médica de que a aluna necessita de repouso por estar na trigésima semana de gestação”*; *“Mãe da aluna veio trazer o atestado de licença maternidade da filha”*. E também nos discursos em que as jovens mães chegam atrasadas para a aula para colocar seu filho na van escolar: *“Uma aluna foi autorizada a entrar na sala de aula atrasada porque a van que transporta seu filho chega a sua casa às 07:00h e que o ônibus que a transporta ao colégio chega em frente ao colégio às 07:35h”*, e quando desistem do ano letivo pela necessidade de amamentar: *“Uma aluna compareceu ao colégio para informar o motivo de sua desistência no ano letivo de 2017: amamentação”*.

Conflitos que envolvem corpo, gênero e sexualidade estão presentes no ambiente escolar e são temáticas que precisam ser trabalhadas e discutidas. O Ensino de Ciências e Biologia tem um papel importante de desmistificar tabus, romper com preconceitos e discriminações, não (re)produzindo regimes de verdades discriminatórios, mas dando aos/as alunos/as condições de questionarem criticamente aquilo que lhes é imposto como norma, fornecendo olhares e possibilidades de vivências saudáveis da sexualidade e dos relacionamentos.

## Considerações Finais

Evidenciamos como ditos do corpo o “corpo gordo”, “corpo puta”, “corpo assediado”, “corpo estranho” e “corpo ridicularizado/constrangido”, com conflitos motivados por discriminações, sexismo, ofensas e assédio. Como discursos ditos de afetividade e relacionamento afetivo elencamos o “abandono escolar motivado por relacionamento”, “faltas motivadas por relacionamento”, “vigilância da sexualidade”, “discurso de posse” e “agressões verbais”, que revelam o impacto das relações na vida dos/as alunos/as, as dificuldades de lidar com seus sentimentos, a própria descoberta de si e de sua sexualidade, e a vigilância da sexualidade por parte da escola e da família. Nos discursos ditos de gravidez na adolescência pontuamos a “responsabilidade maternal”, e como discurso não dito a “responsabilidade paternal”, visto que apenas as mães e as alunas grávidas são visibilizadas e os pais não são mencionados.

Propomos ao final da pesquisa, as reflexões e olhares para futuras pesquisas: de quais formas podemos trabalhar os conflitos de modo a subverter as imposições heteronormativas e as discriminações? Quais as potencialidades do Ensino de Ciências frente a essas discussões?

## Referências

BASTOS, G. D.; LÜDKE, E. Reflexões sobre Gênero no Ensino de Biologia: um olhar sobre o discurso de estudantes do primeiro ano do Ensino Médio acerca da gravidez na Adolescência.

**Contexto & Educação**, ano 32, n. 101, p. 142- 147, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.21527/2179-1309.2017.101.142-174>. Acesso em: 20 ago. 2020.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis, Vozes, 1987.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. Recuperado de: [https://www.nodo50.org/insurgentes/biblioteca/A\\_Microfísica\\_do\\_Poder\\_-\\_Michel\\_Foucault.pdf](https://www.nodo50.org/insurgentes/biblioteca/A_Microfísica_do_Poder_-_Michel_Foucault.pdf). Acesso em 26 de março de 2021

\_\_\_\_\_. **Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FURLANI, J. **Educação sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

GILL, R. Análise de discurso. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Ed). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som um manual prático**. 10 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

LONGINO, H. E. Epistemologia feminista. In: GRECO, J.; SOSA, E. (org.). **Compêndio de Epistemologia**. São Paulo: Loyola, 2008. p. 505-545.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. Corpo, escola e identidade. **Educação & Realidade**, v. 25, n. 2, p. 59-76, 2000a. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/46833>. Acesso em: 12 ago. 2020.

\_\_\_\_\_. Pedagogias da sexualidade. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2ª Ed. Autêntica, 2000b.

\_\_\_\_\_. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e a teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MOIZÉS, J. S.; BUENO, S. M. V. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. **Rev Esc Enferm USP**, v. 44, n. 1, p. 205-212, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/reeusp/v44n1/a29v44n1.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2020.

PARAÍSO, M. A. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. (orgs). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.

PASSOS, C.M.O; RIBEIRO, O.O.P.; **A justiça restaurativa no ambiente escolar**. MPRJ, 2016.

SALLES, L. M. F.; SILVA, J. M. A. de P. Diferenças, preconceitos e violência no âmbito escolar: algumas reflexões. **Cadernos de Educação**, n. 30, p. 149-166, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/1768>. Acesso em: 18 ago. 2020.

VEIGA-NETO, A. **Foucault & a Educação**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.